

DA FILOSOFIA À SOCIOLOGIA: UMA TRAJETÓRIA DE RECUSAS DE VISÕES DO MUNDO

José dos Reis SANTOS FILHO¹

Persiste a existência de autores cujos lançamentos editoriais obrigam uma corrida ansiosa às livrarias, na tentativa de um saber imediato sobre eventuais novidades que, por dever de ofício, não se pode perder. É verdade que muito desse movimento é confundido, hoje, com ondas da moda. Neste contexto, é como se existisse um sentimento de perda de prestígio, de não vivência da atualidade, a cada ocasião em que, em uma roda de conversas nos corredores da academia, não fosse possível demonstrar o conhecimento último do último livro de beltrano ou de cicrano.

Bourdieu é uma figura que suscita essa necessidade de uma permanente tentativa de estar ao corrente de seus escritos, de seus últimos lançamentos. Não dá lugar a dúvidas, no entanto, quanto à exigência que sua leitura impõe ao leitor. Aqui não se trata, como convém aos que se impuseram como clássicos, de qualquer possibilidade de leitura fácil, de temas e objetos que possam ser compreendidos, ou mesmo assimilados através de uma leitura superficial. De fato, a leitura de seus textos é um investimento de tempo, paciência e, principalmente, elaboração. E isso não muda com a idéia de uma “auto-análise”.

Certo, o título pode enganar aqueles que se atreverem a transformar a expressão “auto-análise” em sinônimo de “autobiografia”. É verdade que o primeiro empreendimento reivindica uma biografia. Decerto, não poderia ser levado a contento caso não pudesse contar com elementos autobiográficos. Mas, a intenção confessa de Bourdieu vai além de uma biografia. Ele pretende, com os instrumentos da sociologia, adotar o ponto de vista do analista e aplicar o olhar adequado a experiências de um percurso – seu percurso, que não apenas é amplo no espaço social, mas também é uma trajetória que sinaliza uma incompatibilidade prática entre os mundos sociais que conecta sem de fato reconciliar. No limite, um esforço de sociologia da prática

¹ Departamento de Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP.

sociológica em que o dado biográfico assiste ao esforço retrospectivo, por exemplo, de situar escolhas, recusas e antipatias intelectuais que exercem papéis na elaboração de princípios que guiam práticas.

Feita a leitura, difícil resistir à tentação de sugerir como ponto de partida a última parte do texto. Certamente não soaria de bom grado ao autor. Ele preferiu compreender primeiro “o campo com o qual e contra o qual cada um se fez”. O que faz todo o sentido possível, já que se trata de uma análise sobre o fazer-se sociólogo. Ainda assim, na crença de que a ordem dos fatores não altera (tanto) o resultado, convém insistir na parte referente à formação das disposições associadas à posição de origem, já que chama atenção não apenas porque ajuda a entender não poucas orientações do autor no campo universitário, mas também porque torna visível a dificuldade de um distanciamento emocional no exercício de uma reflexividade cujo mote é a (auto) objetivação analítica de um sujeito cuja objetivação é transformada em objeto. Difícil deixar de reparar, então, o esforço de distanciamento frente a uma figura que parece ter sido decisiva na vida de Bourdieu. De fato, uma das mais belas passagens do livro é aquela em que faz referência à “evidência de culpabilidade” que partilhava com o pai “trânsfuga”, porque filho de meeiro que se torna funcionário dos correios. Se se considerava filho “trânsfuga” é porque, de muitas maneiras, experimentou, a seu modo, aspectos do destino de seu pai. E, se isso se traduzia, entre outras coisas, na vivência de “alta consagração escolar e baixa extração social”, tal como tivera marcada sua trajetória no internato, difícil deixar de inferir um *habitus clivado*, “marcado por tensões e contradições”.

A análise incita a uma percepção das instituições escolares como meios através dos quais se realiza uma trajetória social – no caso de Bourdieu, a de uma, a passagem de uma paisagem rural a uma paisagem urbana, com tudo o que isso possa ter de significado, mas também como campos de aquisição de disposições que orientarão tomadas de posição no fazer-se de uma vida. É o que parece ficar manifesto nas palavras de Bourdieu quando afirma que, na certa orientado por suas disposições originais, procurou despregar-se do que havia de irreal, até mesmo de ilusório, em boa parte do que se associava então à filosofia. Mais ainda: sua percepção do campo sociológico também esteve marcada por sua trajetória social e escolar. Ela o teria conduzido até ali e o teria singularizado de maneira extremamente forte.

É, aliás, a ilustração – através de sua trajetória pessoal – desse processo que conduz à singularidade que acrescenta um valor adicional ao texto. Certo, isso já foi dito e mostrado no conjunto da obra de Bourdieu e de diferentes formas. Mas há uma característica única no texto em questão, já que os exemplos e manifestações dos acontecimentos são vividos de forma a que, mesmo considerado o distanciamento exigido pelo ofício, é difícil ocultar o “ao vivo” e o “a cores”.

O próprio Bourdieu alerta para as dificuldades de sua posição de sujeito e objeto da análise. E o faz denunciando a diferença entre “intenções objetivas” e “intenções deliberadas”. Uma diferença a ser preservada para que se afirme o reconhecimento de uma “disposição eclética e, contudo, bastante seletiva” que explica, pelo menos parcialmente, seu “investimento total, um tanto insano, na pesquisa”. A essa altura, a sociologia já se tornara um campo de realização do *impetus*. Tortuosa, a escolha significou uma recusa da filosofia, em primeiro lugar e, em seguida, da etnografia. São recusas que implicaram em acertos de contas com figuras fortes como Sartre e Lévi-Strauss, uma viagem de releitura de Durkheim e Weber, um encontro com os escritos de Schutz, uma crítica ao estruturalismo, a denúncia de Parsons, Merton e Lazarfeld, o discernimento entre as diferenças e as proximidades com Michel Foucault, entre muitos outros embates, sempre localizáveis através das propriedades de campo e posições oriundas de disposições de origem.

Lembremos que, nas condições de então, a sociologia será caracterizada por Bourdieu como duplamente dominada – pelo campo das “ciências duras” e pelo campo universitário. Na verdade, à guisa de encerramento desta resenha, tirando proveito de uma passagem com forte efeito conclusivo, tudo contribuía para que o espaço dos possíveis oferecido a Bourdieu não pudesse ser reduzido senão àquele a ele proposto por aqueles campos que exerciam domínio sobre a sociologia. Coube a ele se ter feito presente na totalidade do campo das ciências sociais.

BOURDIEU, P. **Esboço de auto-análise**. Tradução, introdução, cronologia e notas de Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.